

## PAPA FRANCISCO: O PODER CARISMÁTICO DE UM LÍDER GLOBAL

Caio César Pedron\*

### RESUMO

Desde a eleição a papa, Francisco I comporta-se de maneira muito diferente aquela que se se consagrou observar de um papado em exercício, de maneira excêntrica e popular, aproxima-se dos seus fieis e tenta dialogar com eles na construção de uma nova Igreja. Neste artigo buscamos por meio de uma metodologia compreensiva entender os nexos relacionais entre o poder carismático do papa e a possibilidade da utilização deste modo de dominação na expansão continuada do exercício da mediação dos conflitos internacionais. Queremos com isso demonstrar que suas posições internacionalistas, mais vinculadas a um cunho humanitário global, e não a questões dogmáticas e morais, não está em desalinho com a política de relações internacionais estabelecida pela Santa Sé já há algum tempo. Entre Francisco e a Santa Sé se estabelece uma relação de complementaridade onde ambos em seus papéis trabalham para uma maior participação do estado pontifício nas questões de humanitária a nível planetário.

**Palavras- Chave:** Carisma, Santa Sé, Francisco.

### INTRODUÇÃO

Quando das chaminés da Capela Sistina esvaíram os primeiros fluxos de fumaça branca, no dia 13 de março de 2013 às dezenove horas, não se propunha a imaginação do católico mais fervoroso e nem do secularista mais convicto qual seria a nova cara que o *destino*<sup>1</sup> haveria por colocar como líder da igreja católica. Veio *como um raio*<sup>2</sup>, do protodiácono Jean Tauran às vinte horas e doze minutos o anúncio tão esperado do resultado do conclave, o novo Sumo-Pontífice da Igreja Católica seria o Cardeal Jorge Mario Bergoglio, que daquele momento em diante se chamaria Francisco. Pois, que “de repente, como que por um encanto, irrompe no cenário histórico o Papa Francisco que

---

\* Discente em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

<sup>1</sup> O Destino, como aqui é colocado, está posto no sentido forte que foi dado por Max Weber, pois segundo o autor a inexorabilidade do acaso se punha a imprimir um paradoxo das consequências, onde os sujeitos não tinham a real compreensão de todo o processo no qual suas ações estavam inseridas, deste modo seria possível que intentando a um objetivo o curso do *destino* lhe levasse a fomentar o extremo oposto de sua vontade.

<sup>2</sup> É uma expressão italiana para aquele amor, ou sentimento que se apossa dos sentidos de maneira inesperada e “pega” aquele que o sente de surpresa, como um raio.

vem “do fim do mundo”, da Argentina, de um país da periferia, longe das tensões da Igreja romana eurocêntrica.” (BOFF, 2014, p.16).

Um Papa novo frente às hostes envelhecidas do cardinalício patriciado até então triunfante, vindo do novo mundo, o primeiro latino-americano a estar sentado no trono de São Pedro, um verdadeiro susto que não durou apenas algumas horas. O seu papado, ainda em curso está extremamente alinhado e próximo ao papel diplomático da Santa Sé enquanto parte integrante do corpo da igreja com pretensão de crescimento como ente mediador dos conflitos mundiais (CARLETTI, 2012), e também, o seu papado tem um princípio reformador necessário a grave crise vivida pela Igreja Católica (KÜNG, 2012), crise de imagem e estrutural, com um sistema curial que burocratiza as decisões, centralizando-as na igreja romana.

O inesperado se mostrou em espírito e em verdade na personificação do carisma pastoral de Francisco que conseguiu atrair os olhos de todo o mundo desde o primeiro momento, violando as práticas frias e a mão pétrea que compunham há muito tempo o quadro clerical do vaticano. Os seus gestos e atitudes cativaram os fieis e lhe deram a força para imprimir um ritmo de mudança mais acelerado nas reformas que já se esboçavam em papados passados. Como exemplo destes gestos, podemos ressaltar primeiro: após a eleição ele foi ao hotel no qual se hospedava quando estava em Roma para “pagar suas contas: 90 euros por dia. Entrou e pegou ele mesmo suas roupas, arrumou a malinha, cumprimentou os funcionários, e foi embora.” (BOFF, 2014, p. 63). E depois, já em sua primeira apresentação e nas posteriores ao público disse “Vocês sabem que o dever do Conclave era dar a Roma um Bispo [...] E agora, começemos essa caminhada: bispo e povo.” (GAETA, 2013, p.39). Leonardo Boff (2014, p.64) afirma que esta atitude remontou a uma tradição primeira da Igreja que demonstra humildade e caridade para com o povo de Deus. Esses e mais tantos outros<sup>3</sup> gestos simples feitos por Francisco despertaram a curiosidade de todo o mundo para com ele e aguçaram ao olhar sociológico para o poder simbólico e carismático que emana do novo pontífice.

Este artigo visa compreender sob um aspecto geral o papel da liderança de Francisco acerca das temáticas de cunho global, através de uma leitura hermenêutico-

---

<sup>3</sup> Podemos elencar uma lista razoável de momentos com os quais Francisco se apresentou ao mundo e demonstrou a nova forma da igreja de dialogar com o fator plural típico da modernidade, entre eles o passeio que fez com crianças no papamóvel e também o seu discurso para o Patriarca de Constantinopla, onde abrindo mão de todo o orgulho de sua posição, colocou-se como igual e ajoelhou diante do mesmo.

compreensiva buscamos oferecer uma perspectiva interpretativa de seus posicionamentos dentro do quadro político internacional propondo uma análise de suas intervenções bem como dos documentos e cartas do seu magistério. Por meio desta leitura ficará possível compreender tanto sua ação dentro de um panorama menor, atento para a forma como ele exerce seu poder, como também em um panorama maior, entendendo como suas práticas se inserem dentro de um complexo estrutural vaticinado pela Santa Sé.

Em um primeiro momento, discutiremos brevemente a vida do Cardeal Bergoglio, pois sua biografia pode nos oferecer um maior entendimento de suas tomadas de decisões posteriores, dadas enquanto papa. Logo em seguida, discutiremos o exercício e os fundamentos do seu poder que transcendem a legitimação meramente tradicional se assentando em pressupostos pessoais carregados de um simbolismo próprio, nesta segunda sessão não só comentaremos os respectivos casos internacionais nos quais Francisco participou, como também, seus documentos a fim de entender quais são as temáticas que o preocupam e qual os desdobramentos de suas ações.

Por fim, na última parte, trataremos de observar como essas ações do papa se inserem dentro da agenda de compromissos e de participações da Santa Sé enquanto sujeito jurídico internacional, possibilitando a comparação de suas ações com a dos papas predecessores, entendendo as diretrizes próprias a instituição ao longo de um *contínuum* histórico, como também, dos nexos e orientações de sentido próprias à dissonância que parece ser Francisco na cúria romana.

## **BREVIÁRIO DE FRANCISCO E DE ROMA**

Jorge Mario Bergoglio nasceu no dia 17 de dezembro de 1936, filho primogênito do casal Mario Giuseppe Francesco e Regina María Sívori em Buenos Aires na Argentina. Sua família era de imigração italiana e desde muito cedo a simplicidade da pobreza e a fé formou o caráter do pequeno Jorge na capital Argentina, frequentava a paróquia de San José de Flores e da infância Francisco recorda com carinho “[...] os jogos de biscoito com o pai, as tardes de sábado diante do rádio com a mãe escutando as obras líricas, aos domingos com toda a família no estádio do San Lorenzo, o time de futebol fundado em 1908 pelo salesiano Lorenzo Massa [...]” (GAETA, 2013, p.14).

Em sua adolescência sentiu sua fé obscurecida até que no dia 21 de setembro de 1953 encontrou-se com o padre Duarte, e após sua confissão “[...] naqueles momentos percebeu no coração o chamado a se tornar sacerdote. “Foi o estupor de um encontro com alguém que está a tua espera”.” (GAETA, 2013, p.16). No entanto, uma grave pneumonia quase tirou a vida do jovem, foi internado e somente melhorou de seu estado após uma intervenção cirúrgica que lhe retirou a parte superior do pulmão esquerdo, neste período de sofrimento Bergoglio fortaleceu sua fé e sua vontade de adentrar na vida religiosa. 11 de março de 1958 deu-se sua entrada para o noviciado da Companhia de Jesus, estudou alguns anos no exterior e completou seus estudos tanto como doutor em filosofia como em teologia na Argentina, foi ordenado ao sacerdócio em 1969.

Uma parte não menos importante de sua vida se deu no período dos anos de chumbo, em toda a América Latina pululavam as experiências ditatoriais com seus desmandos e violências, em seu país natal não poderia ser diferente, quando a propósito de sua eleição para o trono petrino, várias acusações lhe foram feitas sobre esse período, a mais incisiva afirmava que ele estaria envolvido na detenção de dois irmãos de congregação, estando Bergoglio no cargo de provincial dos Jesuítas na Argentina. Segundo Saverio Gaeta (2013) este boato foi desmentido mesmo no dia de sua eleição quando o prêmio Nobel da Paz Alfonso Pérez Esquivel desmentiu a colaboração de Bergoglio junto aos militares argentinos, também um dos padres sequestrados, que ainda se encontra vivo, Francisco Jálícs afirmou não ter Bergoglio colaborado com sua prisão. O próprio Bergoglio, ainda com as vestes de Cardeal, afirmou que:

o golpe de 1976 foi aprovado por quase todos, inclusive a imensa maioria dos partidos políticos. Se não estou enganado, creio que o único a não fazê-lo foi o partido comunista revolucionário, mesmo se, além disso, é verdade que ninguém, ou muito poucos, suspeitavam aquilo que sobreviria. Em tudo isso é preciso ser realistas, ninguém deve lavar-se as mãos. Eu estou esperando que os partidos políticos e as demais corporações peçam perdão como fez a Igreja: o episcopado difundiu em 1996 um exame de consciência e, em 2000, pronunciou um *mea culpa* em ocasião do jubileu (GAETA, 2013, p.20).

Bergoglio era avesso aos títulos e não queria alçar novos cargos nem dentro da corporação e muito menos no episcopado nacional, no entanto, seu caráter reto e a disposição para trabalhar chamaram a atenção do então Cardeal Quarracino que não tomou conta da aversão do jesuíta e em 1992, por meio de Ubaldo Calabresi, núncio

apostólico na Argentina, lhe anunciou sua promoção ao cargo de bispo auxiliar da Argentina. O Brasão entregue a ele tem uma história a parte, além do símbolo da Companhia de Jesus, o sol circundado por raios e a sigla I.H.S *Iesu Hominum Salvator* (Jesus Salvador dos Homens), havia também o seu lema, que o próprio Bergoglio afirma, “ a melhor síntese, aquela que me vem mais de dentro e que sinto mais verdadeira, é exatamente esta: “Sou um pecador para quem o Senhor olhou”. E repete: ‘Sou alguém para quem o Senhor olhou. Meu lema, *'Miserando atque eligendo'*, é algo que, no meu caso, senti sempre muito verdadeiro’.” (FRANCISCO, 2013,p. 2). Esta frase foi atribuída a São Beda que segundo Innus Biffi tinha como sentido o desapego das coisas terrenas, fugir das honras e das mesquinhas, “[...] abraçar de boa vontade todo o desprezo do mundo em vista da glória celeste [...]” (BIFFI, apud GAETA, 2013, p.24).

Em 2001, já titulado como Arcebispo, foi convidado ao consistório e pelas mãos de João Paulo II foi purpurado tornando-se a partir daquele momento cardeal, naquele momento a Argentina vivia sua maior crise econômica. Neste período pediu aqueles que queria viajar ao Vaticano para presenciar o momento que ficassem em solo pátrio e com este dinheiro ajudassem os pobres. Para quem achou que a veste purpura mudaria seu jeito pacato e simplório, vale ressaltar:

nenhuma concessão à mundanidade ou aos privilégios que normalmente acompanham tal dignidade. Em vez de transferir-se para a residência arquiépiscopal, preferia ficar no apartamento de dois cômodos onde usava um pequeno aquecedor para aquecer-se, preparando o próprio jantar. E, em lugar do carro oficial com motorista, os ônibus de transporte público e o metrô, onde qualquer um podia dirigir-lhe a palavra [...] (GAETA, 2013, p.26).

Sua simplicidade o colocava a par das realidades com as quais o povo se deparava cotidianamente, isto fez com que o cardeal estivesse sempre envolvido tanto com a caridade e a atenção aos bairros pobres, como exemplo a pastoral em *Vila Misérias*, complexo de favelas de Buenos Aires, como também com o enfrentamento de lideranças políticas. Sua relação com o casal Kirchner, que desde 2003 habitam a casa rosada ininterruptamente, nunca foi muito boa. A tensão se tornou mais aparente no caso que Bergoglio teve com a presidenta Cristina Kirchner pelo fato da aprovação do reconhecimento jurídico para a união homoafetiva fato que causou muita polêmica na imprensa local.

No conclave de 2005 seu nome era um dos mais cotados, ficando apenas atrás do de Joseph Ratzinger, o Prefeito da Congregação para Doutrina e Fé, seria ele a única alternativa real ao projeto de continuidade do Papa João Paulo II que por 26 anos estivera sentado no trono petrino. A aversão de Bergoglio ao cargo de sumo pontífice era flagrante:

No diário de um cardeal eleitor se lê, a respeito de Jorge Maria Bergoglio: “Eu o vejo enquanto vai depor o seu voto na urna, sobre o altar da Sistina: tem o olhar fixo na imagem de Jesus que julga as almas no final dos tempos. O rosto sofrido, como se implorasse: Deus, não me faça isso” (GAETA, 2013, p.35).

Depois de algumas votações, o cardeal argentino, após o almoço do colegiado reuniu-se com seu grupo de apoio e pediu para que eles retirassem os votos que estavam depositando nele e os entregassem ao favorito daquela disputa, assim foi eleito o papa Bento XVI que após um papado de sete anos assombrou a todos com o seu pedido de renúncia, pela primeira vez na história moderna um papa se tornaria emérito e declararia por si mesmo o trono de São Pedro vacante. Os motivos são muitos, pois havia uma tempestade de denúncias que como uma saraivada de flechas feriu a autoridade moral da igreja, sob a acusação de acobertamento de casos de pedofilia, esquemas de corrupção do banco do vaticano, enfraquecimento da liderança do papa, comando irrestrito das ações por parte da cúria representada por Tarcísio Bertone, e tantos outros casos que “erodiram a credibilidade da instituição. “Como pretender ser “especialista em direitos humanos” e “mãe e mestra da verdade e da moral” se, por obras e omissões, nega abertamente o que prega? ” (BOFF, 2014, p.18).

E assim, após essa trajetória complexa e cheia de percalços dignos de uma vida entregue a uma instituição, foi que nos idos de março de 2013 novamente a fumaça branca anunciou uma nova etapa que a Igreja Católica deveria viver sob os jubilosos olhos da multidão, segundo Boff (2014, p.53) se apresentou Francisco, meio calado, sério e sóbrio, não abriu os braços ostensivamente como num gesto de espetacularização tão presente no tempo do *mass media*, estava assustado diante daquela multidão que lhe saudava. Perguntando depois sobre o porquê da escolha do nome de Francisco, ele disse:

Alguns Pensavam em Francisco Xavier, em Francisco Sales, também em Francisco de Assis. Eu lhes contarei a história. Na eleição, eu tinha ao meu lado o arcebispo emérito

de São Paulo e também prefeito emérito da Congregação para o Clero, o cardeal Cláudio Hummes: um grande amigo, um grande amigo! Quando a coisa se tornava um tanto perigosa, ele me confortava. E quando os votos chegaram a dois terços, vem o costumeiro aplauso, porque foi eleito o Papa. E ele me abraçou, (sic) me beijou, e me disse: “Não te esqueças dos pobres”. E aquela palavra entrou aqui: os pobres, os pobres. Depois, logo, em relação aos pobres, pensei Francisco de Assis. Depois, pensei nas guerras, enquanto o escrutínio prosseguia, até se esgotarem os votos. E Francisco é o homem da paz, o homem que ama e cuida da criação; neste momento também nós temos com a criação uma relação não muito boa, não é? É o homem que nos dá esse espírito de paz, o homem pobre (GAETA, 2013, p.38).

Deste modo podemos entender que toda a vida de Bergoglio esteve relacionada à pastoral da igreja, mesmo o seu crescimento dentro da hierarquia eclesial não o fez abandonar o atendimento e a proximidade aos fiéis da Igreja. Não surpreende a escolha do nome Francisco, este está carregado de um símbolo reformador que coloca em primazia o cuidado com os pobres da terra, os miseráveis e os excluídos todos os elementos já presentes à prática social do sacerdote argentino. No próximo capítulo pretendemos abordar aos olhos da teoria weberiana os trabalhos e algumas atitudes de Francisco, queremos salientar com isso o papel de liderança carismática que ele exerce hoje, dentro da igreja, e sua indubitável contribuição ao novo cenário que se abre ao fenômeno religioso na modernidade.

## **O PODER CARISMÁTICO E A LIDERANÇA GLOBAL**

No capítulo anterior traçamos um panorama biográfico de Mario Bergoglio, tivemos como intento salientar de forma rápida o seu desenvolvimento pastoral, como também, a ascendência aos cargos hierárquicos mais importantes da Igreja Católica. Além da formação acadêmica necessária a todo Jesuíta, Bergoglio também contou com um imenso capital de atuação pastoral dentro dos bairros pobres de Buenos Aires, isso lhe fez compreender melhor os conflitos humanos e estar aberto à realidade social complexa na qual esta inserida toda a América Latina<sup>4</sup>.

É necessário ressaltar que Francisco fugiu das temáticas até então debatidas exaustivamente por Bento XVI: com relação a métodos contraceptivos, a união entre casais do mesmo sexo, a homossexualidade, ao tratamento da igreja quanto aos casais

---

<sup>4</sup> Podemos compreender que a aproximação de Francisco com movimentos como as comunidades eclesiais de base são frutos deste passado pastoral e de toda a luta política presente na América Latina com relação aos pobres e a busca de sua emancipação integral no mundo contemporâneo. Para um maior conhecimento acerca das CEB's ver: CAMARGO, Candido Procópio Ferreira de. Et al. In: SINGER, Paul. BRANT, Vinícius Caldeira. São Paulo: O Povo em Movimento. Vozes, 1981.

de segunda união e ao escândalo de pedofilia acobertado por altas figuras cardinalícias. Preferiu, antes, voltar-se para as temáticas da geopolítica global, abrindo mão em um primeiro momento de discutir problemas relativos à relação da Igreja com a modernidade. Tanto sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* quanto sua primeira carta Encíclica exclusiva *Laudato Si'*; evidenciam sua vontade de assumir novamente o papel de participante privilegiado dentro do debate acerca da pobreza e do meio ambiente. Francisco busca alinhar-se a tendência marcada já desde Paulo VI do diálogo para com os grandes temas de debate mundial, sendo o papa colocado como “*Especialista em humanidade*” como nos ressalta Anna Carletti (2012).

A luz do pensamento de Max Weber (2012), pode nos guiar na difícil tarefa de compreender o aspecto simbólico da dominação papal, mais especificadamente o poder de Francisco que parece de certo modo tão diferente ao hábito tradicionalista usado pelo seu antecessor. Chamamos por dominação: “a probabilidade de encontrar obediência para ordens específicas (ou todas) dentro de determinado grupo de pessoas” (WEBER, 2012, p.139), entendendo que toda dominação requer um quadro de pessoas “isto é, a probabilidade (normalmente) confiável de que haja uma ação dirigida especialmente à execução de disposições gerais e ordens concretas, por parte de pessoas identificáveis com cuja obediência se pode contar” (WEBER, 2012, p.139). Neste sentido a Igreja Católica pode ser entendida como uma instituição<sup>5</sup> que deriva sua legitimidade de um corpo hierárquico sedimentado na crença da autoridade papal, além disto, ela também possui um código de direito canônico que fortalece ainda mais a autoridade pontifícia, garantindo a legitimidade, tanto de modo religioso, que está atrelada a obtenção dos bens de salvação, quanto ao direito através da coação física ou psíquica (WEBER, 2012, p.21).

Não queremos aqui nos apegar de maneira literalista a letra do texto Weberiano, e é de conhecimento de qualquer leitor sensato que sua tipologia tenta enquadrar a imensa pluralidade de expressões registradas pela história humana dentro de um quadro

---

<sup>5</sup> Como argumento fortalecedor da defesa da igreja como instituição podemos nos utilizar da observação de Peter E Brigitte Berger, para ambos existem quatro conceitos que categorizam uma instituição: exterioridade, maior que apenas um indivíduo; objetividade, tem validade concreta na vida das pessoas; coercitividade, coage seus integrantes a determinadas condutas por meio de um moral e de instrumentos de controle e autonomia moral pois garante nesta autonomia validade ética e legalidade interna para sua tomadas de decisão. Para um aprofundamento neste debate ler: BERGER, P; BERGER, B. O que é uma instituição social? In.: FORACCHI, M.; MARTINS, J de S. **Sociologia e sociedade**: leituras de introdução à sociologia. Rio de Janeiro: LTC, 2004.

conceitual que forneça à objetividade necessária para a inferência de determinada relação social. Se nos apossarmos dos três tipos ideais de dominação weberiana: *legal, tradicional e carismática*, é para verificar que nenhuma se encontra destilada univocamente em uma expressão de poder, são antes elos, entrelaçados dentro de uma cadeia estruturada de dominação. Como exemplo, pode se entender que a dominação papal é para igreja católica fenômeno tradicional, visto que condiciona a ação do católico por um conjunto de procedimentos instituídos pelos costumes da religião, ainda assim, possui outras características inerentemente suspensas dentro do próprio código de costumes:

o episcopado universal (como “competência” formal universal) e a infalibilidade (como “competência” material universal, válida somente *ex cathedra*, no cargo, portanto com a separação típica entre atividade “oficial” e “privada”) são fenômenos tipicamente burocráticos” (WEBER, 2012, p.144, n.1).

Por conseguinte não há uma expressão “pura” do tipo enunciado, e a igreja católica não é somente uma instituição sustentada em sua legitimidade por uma dominação de tipo tradicional, ainda que esteja emprenhada de costumes e tradições constituintes de sua identidade. Dentro do quadro administrativo que representa a hierarquia clerical podemos observar a constituição de uma burocracia ordenada por um direito jurídico (canônico) que fundamenta sua prática em critérios normativos próprios a uma instituição moderna, e neste caldo o papa tem, na representação petrina, o direito a instituir mudanças e novidades aos seus fieis. No caso de Francisco, desde o primeiro momento o papa imprimiu uma postura reformista a começar por suas ações, seu carisma lhe conferiu a autoridade para estar sobre o quadro administrativo e algumas vezes até sobre a tradição. Entendemos por carisma:

uma qualidade pessoal considerada extracotidiana (sic) ( na origem, magicamente condicionada, no caso tanto dos profetas quanto dos sábios curandeiros ou jurídicos, chefes de caçadores, heróis de guerra) e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre humanos, ou pelo menos, extracotidianos (sic) específicos ou então se toma como enviada por Deus[...] (WEBER, 2012, p.159).

Façamos os devidos recortes, o papa já é considerado pela tradição e até pelo direito canônico portador de poderes sobrenaturais e, portanto, não seria isso que tornaria Francisco diferente dos outros, talvez seu carisma consista em possuir qualidades extra cotidianas que oferecem tanto aos “*adeptos*”- do léxico Weberiano, podemos traduzir como fieis – quanto para o resto do mundo um poder de intercessão frente a conflitos mundiais. Antes de Francisco, já tivemos João XXIII e tantos outros que também possuíam uma qualidade distinta para os fieis, o que solidifica o nosso entendimento de que a liderança papal, quando exercida com carisma, pode reformar e até revolucionar em muitos aspectos as diretrizes e os institutos procedimentais da religião – vide o concílio do vaticano II e sua mudança na relação da igreja para com seus fiéis.

Quanto às provas, que na teoria weberiana solidificam a validade da dominação carismática, “originalmente, em virtude de milagres [...] não é a razão da legitimidade; constitui, antes, um dever das pessoas chamadas a reconhecer essa qualidade, em virtude de vocações e provas.” (WEBER, 2012, p.159). Não é dever de nenhum líder que produza incessantemente milagres ou atitudes distintas, no entanto, são elas que validam a crença e que oferece o bem estar necessário a manutenção de sua liderança. Francisco não possui um poder sobrenatural e mágico que não seja próprio da tradição papal, ainda assim consegue oferecer aos fiéis exemplos em atitudes e palavras que chamam a atenção de toda a comunidade mundial. Já havia afirmado em sua entrevista que através de um discernimento prático “É possível ter projetos grandes e realizá-los agindo sobre coisas pequenas. Podemos usar meios fracos que são mais eficazes que os fortes, como disse **São Paulo na Primeira Carta aos Coríntios**” (FRANCISCO, 2013, p.3. negrito da fonte).

Este argumento é completamente ilusório se reduzido apenas a ações locais e contingentes, pois não seria imaginável que em menos de três anos na cadeira papal fosse possível por sua intermediação – não seria intercessão?– a queda do bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos da América à Cuba, rompendo com quase 53 anos de embargo entre os dois países que muito prejudicou o único sonho ainda vivo do fadado socialismo de estado. Também foi incisivo na sua defesa dos imigrantes após o trágico acidente em Lampedusa e nos pequenos atos ele mudou o *modus operandi* pontifício. A começar, segundo Leonardo Boff (2014) deixando o palácio do vaticano e

indo habitar a casa de hóspedes santa marta, comendo as refeições junto do “*corpo administrativo*”. Num simples gesto inicial já estava prefaciada essa mudança quando:

[...] em sua primeira aparição em público após ser eleito papa. Em geral, os papas punham sobre os ombros a *mozetta*, aquela capinha cheia de brocados e ouro que outrora só os imperadores podiam usar. O Papa Francisco veio simplesmente vestido de branco e com a cruz de ferro que carregava em Buenos Aires como bispo e depois como cardeal (BOFF, 2013, p.52. *itálico da fonte*).

## FRANCISCO SUPERA O BLOQUEIO

No cenário da política internacional o Papa Francisco também já deixou sua marca, notabilizando-se como mediador do processo de reaproximação entre os Estados Unidos da América e Cuba. Após a liberação de presos tanto pelo lado Estadunidense, três cubanos presos em 1999 quanto pelo lado Cubano, Alan Gross, acusado de espionagem e tráfico de informação. Raul Castro e Barrack Obama “anunciaram medidas orientadas à normalização das relações entre ambos os países, graças à mediação do Papa Francisco e do governo do Canadá, começando pelo restabelecimento das relações diplomáticas” (BOJIKIAN, PIRES, p 27).

A história cubana passa por uma exploração colonial violenta, após a invasão inglesa de 1762 a ilha tornou-se uma produtora de cana de açúcar, em pouco tempo todos os espaços férteis foram utilizados para construir a imensa riqueza inglesa gerada pela especulação do açúcar que estava em alta no mercado. Conta-nos Eduardo Galeano (2014, p.104):

Até 1959 não se construíam fábricas, só castelos de açúcar: o açúcar admitia e demitia ditadores, proporcionava ou negava trabalho aos operários, decidia o ritmo das danças dos milhões e as terríveis crises. A cidade de Trinidad, hoje, é um cadáver resplandecente. Em meados do século XIX havia em Trinidad mais de 40 engenhos, que produziam 700 mil arrobas de açúcar. [...] Agora o que existe ali é o testemunho dos grandes esqueletos de mármore e pedra, a soberba dos campanários mudos, as caleches invadidas pelo pasto. De Trinidad dizem hoje que é “a cidade dos *teve*”, pois seus sobreviventes brancos sempre evocam algum antepassado que “teve” o poder e a glória. Mas sobreveio a crise de 1857, caíram os preços do açúcar e a cidade caiu com eles para nunca levantar-se

Este relato bastante forte traduz bem o que foi a história colonial de Cuba, não muito diferente de tantas outras tristes histórias de exploração desenfreada de recursos naturais, pessoas escravizadas ou postas em situação de servidão máxima, para financiar a acumulação originária do processo de desenvolvimento das nações modernas que pouco fizeram para melhorar as condições de vida do povo latino americano (SADER, 2009).

Foi em 1959 que a Revolução Cubana triunfou sob a queda do regime de Fulgêncio Batista, o estado pontifício já em mãos de João XXIII, diferentemente do que se esperava, adotou uma postura compreensiva quanto ao movimento Cubano. Mesmo pressionado por grupos internos e externos ao Vaticano para adotar uma posição contrária ao regime de Fidel Castro “em 1962, João XXIII aceitou as credenciais do embaixador do novo governo de Cuba junto à Santa Sé, enquanto enviava o núncio pontifício a Cuba, Cesare Zachi” (CARLETTI, 2012, p. 130). Posteriormente, com a crise dos mísseis em Cuba e o choque máximo entre o presidente americano Kennedy e presidente russo Krushev, ofereceu-se a oportunidade de mediação do conflito, por meio de uma mensagem radiofônica e uma carta ao presidente russo João XXIII conseguiu participar da contenção do conflito, e:

No dia 15 de dezembro de 1962, Krushev enviou o seguinte bilhete a João XXIII: “A Sua Santidade Papa João XXIII. Por ocasião das santas festas do Natal peço-lhe de aceitar os votos e as congratulações de um homem que lhe deseja saúde e força para sua constante luta em favor da paz, da felicidade e do bem-estar” (RENDINA apud CARLETTI, 2012, p. 131).

Este exercício de mediação de conflitos nacionais iniciados por João XXIII ganharam pleno vigor no papado de Paulo IV, sendo batizado esse movimento de *Ostpolitik*; um novo modelo de política externa que tinha como mote o diálogo entre os países do leste europeu, abandonando a posição intransigente e anticomunista adotada pelos antecessores do *papa bom*. Desta maneira é possível salientar que já há algum tempo a política externa do vaticano vem se comportando com interesse de mediar conflitos no mundo todo e em especial, com relação a Cuba. A posição de Francisco, neste sentido, de maneira alguma difere da já tomada pelo Vaticano em outros momentos, sendo, por isso, distinta da política menos compreensiva com relação a

nações socialistas que vinham ocorrendo desde o papado de João Paulo II e perduraram com Bento XVI.

Vale por fim assinalar que esta aproximação de Francisco sela um modelo de tratamento diplomático revigorado da Santa Sé para com a política externa de países que não estão em conflito direto, preocupado com uma harmonização entre o mercado e as relações da geopolítica mundial. Em entrevista concedida na rota aérea que ligava Cuba aos Estados Unidos o Papa afirmou, “O meu desejo é que nisso se chegue a um bom resultado, se chegue a um acordo que satisfaça as partes. Um acordo é claro” (FRANCISCO, 2015, p.2. b).

### **FRANCISCO VISITA O BERÇO DO CAPITALISMO**

Logo após sua rápida passagem por Cuba encaminhou-se o sumo pontífice para o derradeiro desafio, sua passagem pelos Estados Unidos da América trazia na agenda um conjunto de pautas que o papa havia questionado em seu primeiro ano como pontífice, a denuncia que fazia dos mecanismos de exploração e enriquecimento indevido e injusto presente no *Evangelli Gaudiun* causou um profundo mal estar no empresariado tradicionalistas católicos, também é nos EUA que se instalam as maiores forças contrárias a Francisco e suas mudanças, tanto quando se fala de reformas cúrias, quanto quando se falam de novos rumos para a igreja. Já em seu primeiro discurso, junto ao presidente Barack Obama, o papa definiu em poucas palavras o que viera defender e promover nos Estados Unidos:

Os esforços feitos recentemente para reconciliar relações que haviam sido rompidas e para a abertura de novas vias de cooperação dentro da família humana constituem passos em frente no caminho da reconciliação, da justiça e da liberdade. Almejo que todos os homens e mulheres de boa vontade desta grande e próspera nação apoiem os esforços da comunidade internacional para proteger os mais vulneráveis no nosso mundo e promover modelos integrais e inclusivos de desenvolvimento, de modo que, em todo o lado, possam os nossos irmãos e irmãs conhecer as bênçãos da paz e da prosperidade que Deus deseja para todos os seus filhos (FRANCISCO, 2015, p.2. c).

Deste modo Francisco já preparava aqueles que o receberiam para as suas principais pautas, pelo menos no que tange a política externa do vaticano<sup>6</sup>, identificamos o acordo bilateral entre EUA e Cuba como um dos principais motivos, como também a pauta de uma economia mais inclusiva social e ambientalmente. No discurso ao congresso Norte Americano Francisco se utilizou de um discurso que defendia a esperança e a fé, não fugiu de provocar algumas reflexões, primeiramente tratou de contestar o fundamentalismo quer seja ele religioso, econômico e ideológico, também criticou:

o reducionismo simplista que só vê bem ou mal, ou, se quiserdes, justos e pecadores. O mundo contemporâneo, com as suas feridas abertas que tocam muitos dos nossos irmãos e irmãs, exige que enfrentemos toda a forma de polarização que o possa dividir entre estes dois campos. Sabemos que, na ânsia de nos libertar do inimigo externo, podemos ser tentados a alimentar o inimigo interno. Imitar o ódio e a violência dos tiranos e dos assassinos é o modo melhor para ocupar o seu lugar. Isto é algo que vós, como povo, rejeitais (FRANCISCO,2015,p.3.d).

Criticando sistemas quer sejam religiosos, ideológicos num sentido político e ou econômicos, cai Francisco ao cerne da questão logo depois, apresentando como em suas encíclicas defende uma política econômica global menos daninha com relação aos mais fracos, exaltando o congresso a lutar contra a crise econômica que ainda está incrustada no sistema econômico mundial, convalescendo os países ao baixo crescimento e ao enfrentamento de suas dívidas diz ele em seguida que:

Ao mesmo tempo, desejo encorajar-vos a não esquecer todas as pessoas à nossa volta encastradas nas espirais da pobreza. Há necessidade de dar esperança também a elas. A luta contra a pobreza e a fome deve ser travada com constância nas suas múltiplas frentes, especialmente nas suas causas. Sei que hoje, como no passado, muitos americanos estão a trabalhar para enfrentar este problema. Naturalmente uma grande parte deste esforço situa-se na criação e distribuição de riqueza. A utilização correcta dos recursos naturais, a aplicação apropriada da tecnologia e a capacidade de se orientar

---

<sup>6</sup> Vale salientar aqui que o sínodo da família que ocorreu nos EUA tem relevância urgente para o diálogo da igreja com a multi-referencialidade que o termo família ganhou nos últimos anos, o Papa de modo algum é um defensor das “novas famílias”, nome dado aos novos relacionamentos conjugais que hoje são aprovados como união pelos Estados Laicos, no entanto Francisco advoga a tese do diálogo, o que para alguns bispos é já dado como heresia, deste front de batalha ainda o papa encampa uma maior tolerância com casais de segunda união e com o divórcio.

devidamente o espírito empresarial são elementos essenciais duma economia que procura ser moderna, inclusiva e sustentável (FRANCISCO, 2015,p.5-6.d).

O papa coloca assim a responsabilidade não só pela distribuição da riqueza e do olhar para com os pobres como eixo central de um pensamento em defesa de uma gestão administrativa mais apropriada dos recursos ambientais presentes na terra, o cuidado da terra, como casa, retoma como frente de defesa de seu entendimento da complexidade do fenômeno de crise ambiental e econômica global. Para Michael Löwy (2014) através da leitura weberiana é possível observar que há uma “afinidade negativa” entre a ética católica e o espírito do capitalismo, isso ocorre não tanto por que o catolicismo é contrário ao lucro (NOVAK, 1982), mas porque a impessoalidade do lucro friamente calculado do empreendimento racional capitalista é indiferente a personalidade proposta na ética católica, para Max Weber (2012) o choque estaria em suma condensado no conflito entre esses dois modos de contemplação ética do outro.

Parece que o esforço que os últimos papados tem despendido nas questões diplomáticas, estão dadas em estabelecer relações bilaterais<sup>7</sup> com os países que estão em conflitos econômicos, religiosos e ou políticos. É uma política da cidade estado papal, a ampliação de nunciaturas apostólicas desde o papado de Paulo IV só demonstra o interesse acentuado da Santa Sé em se definir como agente global (CARLETTI, 2010). As relações multilaterais também são garantidas pela participação da Santa Sé em organizações globais, dentre elas:

Organização das Nações unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), em Roma; na Organização Internacional do Trabalho (OIT), em Genebra; na organização Mundial da Saúde (OMS), em Genebra; na Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), em Paris; na Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento industrial (ONUDI), em Viena; no Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola (IFAD), em Roma; na Organização Mundial do Turismo (OMT), em Madri; na Organização Meteorológica Mundial (OMM), em Genebra; na organização Mundial do Comércio (OMC), em Genebra; no Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento (UNDP), em Nova Iorque; no Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (UN-HABITAT), em Nairobi; no Programa das Nações Unidas para o

---

<sup>7</sup> Como relação bilateral entendemos aqui: o estabelecimento de diálogos e vínculos entre dois entes, no caso dois estados, na forma jurídica das relações internacionais, com abertura de nunciaturas e embaixadas provenientes dos países que buscam aproximação bilateral.

Ambiente (UNEP), em Genebra; no Programa Alimentar Mundial (PAM), em Roma; na Comissão Internacional do Estado Civil (CIEC), em Estrasburgo; no Conselho da Europa (CE), em Estrasburgo; e na Organização dos Estados Americanos, em Washington (OEA). (CARLETTI, 2010, p.49)

Deriva disto que em sua visita aos Estados Unidos da América o Papa Francisco não deixou de passar pela sede da Organização das Nações Unidas, ali a Santa Sé mantém um observador permanente como representante dos assuntos do estado pontifício. O papa falou brevemente aos representantes das nações unidas, afirmando a defesa dos mais necessitados, podemos salientar que:

Esta necessidade dum maior equidade é especialmente verdadeira nos órgãos com capacidade executiva real, como o Conselho de Segurança, os organismos financeiros e os grupos ou mecanismos criados especificamente para enfrentar as crises económicas. Isto ajudará a limitar qualquer espécie de abuso ou usura especialmente sobre países em vias de desenvolvimento. Os Organismos Financeiros Internacionais devem velar pelo desenvolvimento sustentável dos países, evitando uma sujeição sufocante desses países a sistemas de crédito que, longe de promover o progresso, submetem as populações a mecanismos de maior pobreza, exclusão e dependência (FRANCISCO, 2015, p.2.e.).

Francisco reitera, portanto, a defesa dos povos mais pobres, pensando na viagem que seria feita no final do ano para o continente africano, pedindo a todo os organismo financeiros internacionais um olhar atento para pobreza endêmica, como também um esforço maior para a caridade e a negligência da usura, lucro que sempre foi condenável pela igreja romana. Também o papa aludiu às guerras afirmando que “guerra é a negação de todos os direitos e uma agressão dramática ao meio ambiente.” (FRANCISCO, 2015, p.5.e.). Lembrando que sempre o sumo pontífice tenta abordar a questão da distribuição social, da proteção do meio ambiente e da paz como fenômenos de um mesmo processo de esforço humanitário. Isso significa que para Francisco o desenvolvimento humano só é possível quando há complementaridade, essa posição humanista, tão própria a personalidade da igreja católica entra em choque com a pretensão fria e racional de um capitalismo cada vez mais abstrato e creditício.

Podemos compreender que existe uma relação de proximidade entre a posição do “novo” papa e as contínuas negociações praticadas pela Santa Sé e suas nunciaturas por todo o mundo. A estrutura política da dominação orquestrada pelo estado pontifício

foge as regras do mundo religioso, ao se tornar estado e garantir status como agente político das relações internacionais (CARLETTI, 2010) é possível ao Vaticano, por meio da Santa Sé, criar e participar efetivamente de política de cunho internacional, habilitando se portando no século XXI a responder as demandas do mundo em sua contemporaneidade por duas vias, a religiosa e a estatal. Francisco assumiu bem o papel de interlocutor dessa nova política criando desde o primeiro momento uma espécie de afinidade eletiva, ou seja:

duas formas, culturais/religiosas, intelectuais, políticas ou econômicas [...] entram, a partir de certas analogias significativas, parentescos íntimos ou afinidades de sentido, numa relação de atração e influências recíprocas, de escolha ativa, de convergência e de reforço mútuo (LÖWY, 2014, p. 71-72).

Portanto, é possível conceber que existe uma atração entre a forma, ou estilo de vida, do papa Francisco, com sua face voltada as temáticas de cunho global e humanitário e seu modo de vida austero e ao mesmo tempo popular com as formas política adotadas pela Santa Sé para construir sua política internacional, nesta amalgama relacional, ambos de certa maneira se escolhem par a trabalhando em consonância, estrita ou não, fomentarem um modelo de intervenção que seja religioso e institucional, político. Assim é possível ao papa afirmar, sem fugir dos interesses do organismo diplomático que:

A exclusão econômica e social é uma negação total da fraternidade humana e um atentado gravíssimo aos direitos humanos e ao ambiente. Os mais pobres são aqueles que mais sofrem esses ataques por um triplo e grave motivo: são descartados pela sociedade, ao mesmo tempo são obrigados a viver de desperdícios, e devem injustamente sofrer as consequências do abuso do ambiente. Estes fenômenos constituem, hoje, a «cultura do descarte» tão difundida e inconscientemente consolidada (FRANCISCO, 2015, p.3.e.).

## CONCLUSÃO

Concluimos deste trabalho que o Estado Pontifício, bem como seu instrumento de relação internacional a Santa Sé trabalham incessantemente pela ampliação de sua participação na política internacional, seja através da formalização de nunciaturas

apostólicas e ou de relações multilaterais em organismos internacionais definidores de agendas globais (CARLETTI, 2010).

Quanto à participação efetiva dos papas na política internacional, já ficou claro, sobremaneira na participação de João XXIII (CARLETTI, 2012) e do próprio Francisco I a importância e o interesse de que um o papel de mediador de conflitos globais seja assumido pelo sumo pontífice da igreja católica. Entendemos aqui que Francisco por seu carisma natural acabou por assumir o papel de gestor de conflitos de uma maneira muito sóbria e tranquila, parece que o papel se adequou ao ator global que o desenvolve.

Certamente a composição das dominações conferidas ao papado, no sentido weberiano do termo, possui uma maior conotação carismática hoje, atentamos que os poderes mágicos atribuídos pela tradição ao trono petrino são acrescidos pelo carisma do sorridente papa que não tem medo e muito menos aversão a se aproximar do povo. Esse modelo que entrelaça então a organização burocrática típico da instituição moderna, a tradição dos credos e dos valores conferidos ao papado (WEBER, 2012) e o carisma próprio do papa Francisco conferem a este um poder muito maior na intermediação e participação efetiva nos problemas internacionais, adequando-se ao interesse da Santa Sé enquanto corpo diplomático do Vaticano e hoje instrumento que lhe confere maior autonomia na área jurídica e política na contemporaneidade (CARLETTI, 2012).

Também é interessante perceber a relação estreita que os papados tem para com o estado Cubano, mesmo que seja por uma interferência de três papas que foram reconhecidamente moderados e conciliadores, ainda sim entendeu-se muito bem com um modelo de sociedade avesso ao religioso<sup>8</sup>, o que aponta para uma interessante singularidade, Max Weber compreendia que Igreja Católica, diferentemente do protestantismo, nunca havia de fato se adequado ao capitalismo (LÖWY, 2014), sempre colocando-se como contrário tanto ao modelo de expropriação quanto a forma de tratamento impessoal<sup>9</sup> envolvida no processo de acumulação. Não queremos de maneira

---

<sup>8</sup> No caso de Cuba não a negação a religiosidade, mas sim uma defesa enfática da laicidade do estado, Fidel castrou afirma já há algum tempo que foi sua relação com padres católicos, dentre eles Frei Betto, que lhe fez mudar sua opinião sobre a religiosidade na ilha, hoje há uma aceitação total da pluralidade confessional religiosa, atendendo talvez como em nenhum outro país, a garantia de um estado livre das amarras de um poder religioso.

<sup>9</sup> Para Weber o choque não decorria de algum problema que a igreja católica tinha com o lucro, ou nada parecido, tão somente que a impessoalidade do capitalismo não se adequava ao modelo pastoral de extrema pessoalidade proposto pelo catolicismo, esse choque não criou nenhum tipo de choque

alguma apresentar aqui uma aproximação entre a ideologia socialista e o catolicismo, tão somente, quer se demonstrar que ambas possuem uma estranha negação ao sobranceiro braço da mão invisível do capital.

Francisco é, sem dúvidas, um fenômeno de caráter global, liderança carismática que assumiu o papel proposto pela Santa Sé, e por isso, diferentemente do que se imagina, interessa a sua participação intensiva no debate global, pois esta é provocadora, mas busca por meio do diálogo retrair as linhas da esperança para um novo momento de utopia e paz (BOFF, 2013).

## REFERÊNCIAS

BERGER, P; BERGER, B. O que é uma instituição social? In.: FORACCHI, M.; MARTINS, J de S. **Sociologia e sociedade**: leituras de introdução à sociologia. Rio de Janeiro: LTC, 2004.

BOFF, Leonardo. **Francisco de Assis e Francisco de Roma**: Uma nova primavera para a igreja. 2 ed. Rio de Janeiro: Mar de Ideias. 2014.

CAMARGO, Candido Procópio Ferreira de. Et al. In: SINGER, Paul. BRANT, Vinícius Caldeira. **São Paulo**: O Povo em Movimento. Vozes, 1981.

CARLETTI, Anna. **A Diplomacia da Santa Sé**: Suas Origens e relevância no atual cenário internacional. Canoas: *Diálogo*, n.16. jan-jun 2010. P.31-55.

CARLETTI, Anna. **O Internacionalismo vaticano e a nova ordem mundial**: A diplomacia pontifícia da Guerra Fria aos nossos dias. Brasília: FUNAG, 2012.

FRANCISCO. Exortação apostólica **Envagelli Gaudiun**. São Paulo: Paulus, 2013.

FRANCISCO. Carta Encíclica **Laudato Si'**: Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus, 2015.a

FRANCISCO. Entrevista ao Papa Francisco [setembro, 2013]. Entrevistador: Pe Alberto Spadaro. **L'Osservatore Romano**, edição semanal em português, Ano XLIV, n. 39, 2013.

FRANCISCO. **Entrevista com o Santo Padre** durante o voo de Santiago de Cuba a Washington D.C [setembro, 2015]. Conduzida por Pe. Lombardi, 2015.b

---

irreconciliável, mas também nunca apresentou uma relação bem aventurada como foi a afinidade eletiva entre capitalismo e ética protestante.

FRANCISCO. **Discurso do Santo Padre** [setembro, 2015]. Cerimônia de Boas Vindas aos Estados Unidos da América. Washington, Casa Branca. 2015.c.

FRANCISCO. **Discurso do Santo Padre** [setembro, 2015]. Visita ao Congresso dos Estados Unidos da América. Washington, capitólio, 2015.d.

FRANCISCO. **Discurso do Santo Padre** [setembro, 2015]. Visita à Organização das Nações Unidas. Nova York, Palácio de Vidro, 2015. e.

GAETÁ, Saverio. **Papa Francisco: a vida e os desafios**. São Paulo: Paulus, 2013.

GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**. Porto Alegre: L&PM, 2014.

KÜNG, Hans. **A Igreja tem Salvação?**. São Paulo: Paulus, 2012.

NOVAK, Michael. **O espírito do capitalismo democrático**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1982.

LÖWY, Michael. **A Jaula de Aço: Max Weber e o Marxismo Weberiano**. São Paulo: Boitempo, 2014.

SADER, EMIR. **A Nova Toupeira: Os caminhos da esquerda latino-americana**, São Paulo: Boitempo, 2014.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. 4 ed. Brasília: Editora de Universidade de Brasília, 2012.